

6. Conclusão

Quando centramos no problema do crítico de arte frente a uma sociedade ou contexto cultural não deixamos de propor várias questões. Uma delas seria entender como se insere a arte num processo de transformação. A transformação social que estava em curso no país e a transformação da arte e sua linguagem propriamente dita. E nesse sentido, o crítico se desdobra em dimensões que embora distintas, se entrelaçam numa só atuação o do crítico da arte propriamente dito e o que poderíamos chamar de uma dimensão mais abrangente que envolve o cenário sócio cultural da época, já que dissociar as reflexões estéticas das sociais era uma tarefa difícil para Gonzaga Duque.

Observamos que Gonzaga Duque atuava como um verdadeiro “comentador da sociedade”, no momento em que o crítico dimensiona a arte no coletivo, enfatizando o seu caráter cultural. Isto porque na atuação do crítico, havia um conhecimento editorial capaz de submeter o processo cultural a determinadas análises que estão longe de serem neutras porque interferem diretamente na leitura dos fatos culturais. Esta concepção de Gonzaga Duque é creditada em grande medida à sua ligação com o Simbolismo, um movimento que assume uma postura crítica em relação à modernidade, colocando em xeque alguns dos seus aspectos fundamentais como o racionalismo, o tecnicismo e cientificismo, em favor da valorização da expressão artística, da imaginação, do elemento fantástico e irracional. Portanto, o movimento simbolista também foi uma maneira de negar uma série de questionar os prognósticos do progresso tecnológico e materialista que tendia a promover o esvaziamento artístico.

Nesse sentido, o Simbolismo é uma referência importante para o crítico na construção de seu universo estético, na medida que se mostra um movimento mais abrangente e ambicioso, em favor da valorização da expressão artística. Ademais, é preciso notar que apesar de se colocar como movimento resistente e crítico, o culto ao inusitado e a às novas formas de manifestações estéticas também se faziam fortemente presentes no Simbolismo. Tais aspectos se mostraram fundamentais na elaboração da idéia de independência artística, o ponto central na

obra de Gonzaga Duque, a partir do qual foi possível desenvolver uma visão artística moderna: descolada do substrato da execução acadêmica, e atenta às transformações significativas que ocorriam na arte de seu período. Seus artigos investem contra o que o autor classificou como o “passadismo da arte” e incentiva os jovens artistas a se libertarem dos clichês acadêmicos. Sua crítica servia como instrumento de resistência à incorporação da temática nacionalista e histórica que funcionava como o modelo de arte “oficial” se coadunando a interesses políticos e sociais da época.

Gonzaga Duque partilhava juntamente com outros intelectuais, a perspectiva de construção de uma nação que se diferia do Estado, acreditando numa nacionalidade que se edificaria através das artes, e que, portanto, resultaria de um processo mais amplo. A estratégia de consolidação de uma arte nacional imaginada por Gonzaga Duque se acopla a um desejo de modernização artística. Mas pensar na modernização artística no Brasil significava também entender o que é moderno na concepção local não se equipararia a pari passo com a produção européia. Para Gonzaga Duque é preciso reconhecer os pequenos avanços no progresso formal que colaborariam novas concepções visuais, como fez ao defender a composição de Pedro Américo em a *Batalha do Avaity*. Uma leitura apressada pode interpretar esta atitude como um “recuo” do crítico, mas que na verdade se revela como uma estratégia consciente e realista. Estando ele mesmo circunscrito a uma situação histórica assinalada por tendências artísticas e intelectuais conservadoras, o crítico trabalha com os elementos que lhe são disponíveis. Seu movimento opera pelo registro de mudança progressiva, e não de ruptura.

É nesse sentido que ele concentra esforços para quebrar o isolamento intelectual, compreendendo que a consolidação de uma arte moderna se daria por meio conexões largas. Em Gonzaga Duque o localismo se define com o peso igual ao universalismo, abrindo diálogo com os autores de arte alinhados com o pensamento contemporâneo na época: Baudelaire, Ruskin, Zola etc. A participação do crítico em periódicos de vida curta e circulação restrita demonstra o seu engajamento na propagação de idéias artísticas e de seus esforços para atualizar a arte brasileira.

O que simultaneamente colocava a necessidade de se modernizar a própria atividade crítica. Gonzaga Duque desprezava a crítica acadêmica, “*a banalidade oficial que qualquer lente de sobrecasaca preta pode chamar de estética, a velha estética das academias*”. A sua crítica resulta de um processo que consubstancia a perplexidade de um crítico que não se interessa em sobrepor um sistema teórico às obras analisadas, mas sim em travar uma relação de intimidade, um verdadeiro corpo a corpo a partir do qual fosse capaz de produzir um esclarecimento sobre o processo criativo da arte. A crítica perde o seu caráter normativo e dogmático e engendra uma crítica de arte que traz à mostra a experiência de criação e produção artística, estabelecendo uma nova forma de fruição para o observador. Conjugando a dimensão teórica à experimental, Gonzaga Duque afirma um posicionamento moderno da crítica da arte. Mas sua peculiaridade se assinala na pertinência: em meio a um ambiente cultural açodado por maneirismos acadêmicos e rois convencionais, Gonzaga Duque conseguiu fazer da arte em si a matéria de sua crítica, longe do manual de regras acadêmicas sobre as quais as obras deveriam se ajustar.

Obviamente, se nos propusermos a nivelar a atuação crítica de Gonzaga Duque com a crítica de arte que se desenrolava no cenário europeu, por exemplo, fica evidente que a atuação do crítico brasileiro é menos intervencionista, no sentido de que Gonzaga Duque não atua como um crítico radicalmente militante, ou mesmo operativo, não se liga a um movimento de vanguarda específico construindo estatutos e luta ativamente para que estes fossem incorporados na arte, como faria um André Breton ou Apollinaire. Mas é inegável a crítica de Gonzaga Duque questiona, polemiza e se propõe a contribuir para pluralização da produção artística, investindo na produção de informação qualificada a fim de oxigenar e dialogar com a produção local. A sua atuação como crítico responde ao seu desejo claro de intervenção e transformação do meio cultural que o rodeia.

Gonzaga Duque é, sobretudo um grande observador dos sentimentos vividos pelos artistas no momento da concepção da chamada “nova arte”, _ e *Mocidade Morta* é um importante registro sobre isso; sentimentos, pulsações e entusiasmos que se direcionavam ao caminho oposto das normas e conceitos. E novamente

encontramos uma faceta moderna em Gonzaga Duque, ao cunhar o conceito de “temperamento” do artista, o crítico persegue a manifestação da “originalidade” ignorando o chavão acadêmico, e mais do que isso, ele tem a percepção como sendo próprio da arte a possibilidade de realizar-se como manifestação particularizada da experiência do real, o que nos remete diretamente à idéia de independência subjetiva, cerne que constituiria a arte moderna.

A crítica de Gonzaga Duque assume o papel de estabelecer laços entre o belo e o presente, porque assim como Baudelaire, ele acredita que o pintor moderno só alcançaria a beleza genuína mergulhando na sua própria época. E nos vemos diante a mais uma intuição moderna do crítico quando ele sai em defesa de Belmiro de Almeida e outros artistas que incorporam temáticas diferentes da chamada arte “oficial” em suas obras. Seus artigos, sobretudo os mais tardios, constituem uma defesa aberta de pintores que colocavam em suas telas cores da contemporaneidade: as angústias e intempéries do homem moderno. O crítico chama atenção para a necessidade de se criar uma cultura estética que possa interpretar o que se vê, despertando os artistas para outras possibilidades temáticas e encarar novos desafios.

Não podemos ignorar que a luta antiacadêmica na qual está inserida a problemática inicial de Gonzaga Duque se desdobra numa complexidade de pontos conceituais sobre arte moderna que merecem ser analisados. Quando pensamos na arte moderna que se desenvolveu a partir do Impressionismo, acompanhamos experiências que colocavam em xeque o próprio conceito de arte, ao inaugurar uma lógica artística onde a pintura não é mais o meio, mas o próprio fim. O que estava em curso era a construção de uma esfera autônoma na arte, na qual fazer pintura significava, no limite, produzir um quadro, um objeto, inaugurando uma realidade singular. No Brasil, estávamos muito longe dessa experiência. Podemos dizer que esta experiência só foi levada a cabo conscientemente a partir da segunda metade do século XX com o Neo-concretismo. Mas também não podemos ignorar algumas experiências que forçavam o limite existencial da pintura em direção a uma visualidade latente. É o caso de Castagneto, por exemplo. Castagneto foi certamente o artista deste período que se mostrou mais disponível para a experimentação pictórica. Gonzaga

Duque realizou constantes referências o pintor, apreciando sua aptidão em ser “*pessoal na pintura*”. Gonzaga Duque reverencia o temperamento intimista de Castagneto e a sua qualidade expressiva, mas ele repreende o artista por seus trabalhos mais livres cobrando uma fatura mais estruturada e definida. Gonzaga Duque se vulnerabiliza ao usar para julgar. Aqui se evidenciam os limites da crítica de Gonzaga Duque ao manter-se atrelado às referências formais da arte convencional ao analisar uma arte de Castagneto fundada no experimentalismo.

Gonzaga Duque, embora entusiasta da modernidade artística não conseguiu conceber a idéia de uma estrutura plástica autônoma. E nesse ponto, faz-se necessária uma diferenciação fundamental entre a “modernização” da arte e a construção de uma arte moderna propriamente dita. Percebemos que o nosso crítico engajado num processo de modernização da arte brasileira e expressa este desejo de maneira evidente no esforço que faz para forçar um diálogo entre o local e o universal, como por exemplo no artigo em que ele elogia o “impressionismo” de Belmiro, comparando-o à Manet. O mesmo motivo o leva a defender a pintura de um Pedro Américo, relacionando-o a Delacroix, desconsiderando o fato de que os caminhos pictóricos destes artistas são inconciliáveis e que o que estava em jogo era uma questão fundamentalmente conceitual na arte, que escapa ao crítico.

Podemos considerar a crítica de Gonzaga Duque como a contribuição mais significativa para o período derradeiro da academia, embora recorra a soluções muito distantes da arte moderna propriamente dita, o que nos remete à ambigüidade intrínseca da arte moderna no Brasil. Podemos concluir que Gonzaga Duque constituiria enfaticamente um crítico da sua época. Isto é, apresenta em sua obra as questões e os impasses do período em que viveu. Seus textos reúnem os paradoxos fundamentais e peculiares da nossa história: aliando aspectos de província, enfrentando a debilidade do meio cultural, e o tempo da modernidade, aflito por mudanças. E considerá-lo um sujeito de seu tempo, significa também levar em conta uma mentalidade que se construiu de forma particular ao século XIX, que apostava no moderno como algo a ser revelado, como nos lembra Carlos Zílio “Para os artistas realmente modernos, a tradição não tinha um caráter autoritário de valor eterno, mas tão somente questões

colocadas no seu embate com o presente”¹. Partilhava-se então um entendimento discurso de modernidade em que o culto ao contemporâneo não apaga a referência ao tradicional, muito ao contrário, esta se afirma como valor. Acreditava-se na inovação como resultado de um processo cultural o que não implica necessariamente numa ruptura. Neste sentido, penetrar no universo crítico de Gonzaga Duque significa abrir espaço para seus questionamentos e entender uma gama de pensamento que se perdeu na hegemonia do sistema cultural que se sedimentaria no século XX. Foi a partir dessa mentalidade que Gonzaga Duque conseguiu incorporar ao seu repertório crítico referenciais contemporâneos que se tornaram alicerces teóricos importantes para que ele pudesse intuir uma concepção diferenciada sobre a arte: conferindo certa autonomia ao o gênero da paisagem e construindo uma visão moderna de arte no sentido de valorizar a independência subjetiva do artista. E, portanto, podemos considerar que Gonzaga Duque não apenas expressou o seu meio e seu tempo, mas foi além, realizando uma leitura crítica da arte, trabalhando em prol de um alargamento das fronteiras, ampliando os motivos que levariam a construção de uma nova visualidade na arte brasileira.

¹ ZÍLIO, Carlos, *Modernidade e Modernismo no Brasil*, Annateresa Fabris (Org.) Mercado das Letras, Campinas, 1994, Pg. 113.